

Entrevista | Marcos Assunção

Músico

Encontrei com a viola a possibilidade de ser eu

Músico Marcos Assunção conta como deixou a guitarra pela viola caipira e enumera novos projetos

Lais Camargo

Das distorções da guitarra para a viola chorona. Até cinco ou seis anos atrás, Marcos Assunção era guitarrista, mas o conhecimento da música erudita somado à vontade de não se prender a regras musicais o fizeram ser quem é hoje - um dos maiores "improvisadores" de viola. Ganhador de um prêmio do Projeto Pixinguinha, Marcos

fala sobre a produção intuitiva e a importância de ter concluído a faculdade de Música na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

Dentre as conquistas e projetos deste ano estão apresentações na Espanha e a conclusão nos dias 18 e 19 de dezembro do projeto "Violeiros do MS", marcado por aulas gratuitas para novos músicos e admiradores do instrumento. Além da apresentação da "Camerata

Violeira", o evento vai trazer Roberto Correa, um dos violeiros mais consagrados do país, para ministrar oficina e se apresentar junto ao projeto.

O som do campo-grandense de 35 anos já chegou ao Chile, à Espanha, mas tem uma característica universal - o sentimento transmitido em cada nota, numa viola que, à moda antiga, faz chorar e encanta. Conheça mais sobre o músico:

O Estado - Como despertou em você a vontade de ser músico?

Marcos Assunção - Desde muito pequeno eu já tinha interesse em tocar. Com oito anos entrei numa banda da escola, banda marcial. Com 9 anos meu tio me colocou na aula de violão. Meu avô, Duarte Assunção, ia a fazendas tocar moda de viola e cantava comigo, me ensinava, inclusive foi ele que me mostrou como afinar um violão. Mas aos 13 anos fui estudar guitarra, ter banda de rock como qualquer adolescente. Tive várias bandas, mas como eu não tenho músico profissional na família, não tive um direcionamento, não sabia que isso poderia ser uma profissão. Lá pelos 20 anos decidi que era isso mesmo que eu queria para minha vida.

O Estado - Então, você fez alguma faculdade relacionada à arte musical?

Marcos Assunção - Eu me graduei este ano em Música na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Mas aos 20 anos eu comecei a estudar música. Porque até então era tudo intuitivo, era natural. Quando me deparei com aquele conhecimento, a questão teórica, aí virou paixão, mesmo. Aí vem a história da guitarra com o jazz, que eu não tinha contato nenhum até então com a música instrumental. Eu tinha um professor, Cristiano Kotlinski, que foi professor de vários músicos daqui do Estado, ele é um cara importante na área de educação de música popular. Ele indicou para eu comprar CD do George Benson, e é uma coisa que não tem explicação, você escuta e pensa: 'é isso que eu quero fazer da minha vida, essa guitarra que quero tocar'. Comecei a estudar tudo em cima daquilo, foi quando eu comprei a semi-acústica.

O Estado - Você nunca fez aula em escola de música? Foi sempre um professor, um curso?

Marcos Assunção - É, foram mais oficinas. Acredito que as facilidades da internet na era moderna, hoje qualquer um pode ter conhecimento musical. Arrumar material também, mesmo de marcas concorridas, ficou mais fácil. Além disso, fiquei um tempo acompanhando músicos, mas não deu certo isso de tocar coisas que não gostava só por dinheiro. E foi ficando mais difícil viver de música. Nessa época ainda não tinha o curso de Música na UFMS, no período que comecei a estudar, dei aula no Centro de Arte Viva, uma escola com professores formados em música erudita, foi quando tive meu primeiro contato com esse tipo de música.

O Estado - Até então você tocava guitarra?

Marcos Assunção - Nesse período eu já estava estudando jazz. Depois conheci músicos eruditos e me despertou o interesse no violão erudito. Queria me aprofundar teoricamente nele para depois passar para a guitarra. Dei aula de violão dez anos no Arte e Vida.



Moisés Palácios

O instrumentista Marcos Assunção assume a paixão pela viola, a importância da vocação e, principalmente, do curso superior para a formação de músicos

Aprimorei minha leitura e conhecimento de repertório de música clássica. Nessa época eu também conheci o Eduardo Martinelli, em 2004, quando ele chegou na cidade. Montamos um duo, que foi o pontapé inicial para meu projeto instrumental.

O Estado - O que representou a faculdade de Música para você?

Marcos Assunção - Foi de extrema importância, foi o que abriu minha cabeça. Por isso aconselho todo mundo que queira viver de música a ingressar numa universidade. Ali vemos todos os caminhos possíveis, além de se conhecer melhor. Estudando a história da música vemos que muita coisa que fazemos já existia séculos atrás.

O Estado - Queria saber como você lidou com isso, de vir de um estilo intuitivo e de repente ter algo teórico para se prender?

Marcos Assunção - Vou citar um exemplo. Se você falar que a pessoa tem que ser só intuitiva, então, meu filho, com 4 anos aprendeu a falar, não vou colocá-lo na escola. Para quê ter conhecimento? Ele já sabe falar. Então levo esse conceito



Aconselho todo mundo que queira viver de música a ingressar numa universidade

para a música. Se o cara quer ser escritor ou poeta, se o cara conhece um vocabulário limitado, aquilo é o limite do mundo dele para expressar-se. Acho que a teoria musical sozinha não é nada. Mas se o cara tem o talento genuíno, ele tem. Nem todo mundo nasceu

para ser músico, tem muita gente fazendo isso que devia estar fazendo outra coisa. Mas graças à indústria cultural, que permite que leigos e pessoas sem talento tenham destaque, temos tecnologia para afinar a voz de qualquer um. Eu sou muito grato a Deus por ter tido essa oportunidade de ir para a UFMS, estudei teoria da prática musical, que nunca estudaria aqui fora. Tenho uma fase antes e uma depois da universidade.

O Estado - Isso o auxiliou para desenvolver a Camerata Violeira?

Marcos Assunção - De-mais. A Camerata é em torno de 30, 40 alunos. Administrar isso, preparar um plano pedagógico para todos, unindo

à intuição é tudo de bom. Não tem como dissociar da ciência. O projeto nasceu do "Violeiros do MS", um projeto aprovado no FIC (Fundo de Investimentos Culturais), que prevê aulas gratuitas de viola para pessoas interessadas.

O Estado - E como começou sua história com a viola?

Marcos Assunção - É uma coisa que vem de pequeno, minha mãe é mineira, quando eu ia para Minas lembro das cenas do pessoal nas fazendas tocando acordeon, moda de viola. Quando eu estudava violão erudito, coordenei o "Música MS", que eram aulas de música erudita em 25 cidades do Estado, em 2008. A Soraia Rodrigues, gerente de cultura, me passou um CD do Ivan Vilela, que mandaram para a Fundação de Cultura. Até então eu não tinha meus ouvidos voltados para a viola. Na época estava com o Toca Trio, na guitarra. Quando ouvi

o CD e vi a forma que o Ivan estava usando a viola, aquilo me chamou a atenção. Ele gravou Tom Jobim, Beatles na viola e aquela sonoridade virou minha cabeça. Logo em seguida fiquei sabendo da inscrição para o Prêmio Pixinguinha produção. Comprei uma viola, fiquei um mês estudando e compus duas músicas na viola e ganhei o prêmio. Já tinha despertado um amor pelo instrumento, mas quando vi que dava para fazer essa música universal que faço, que é algo da música brasileira, que tem muito isso. Dessa escola do Hermeto Pascoal, que é minha maior influência. A viola tem me trazido uma música singular, encontrei com a viola a possibilidade de ser eu. Eu me sinto confortável tocando viola, mais do que subir no palco e tocar guitarra. Resolvi tocar viola, continuar improvisando e "pendurei" a guitarra.

O Estado - O Festival Jazz e Viola, como vai ser?

Marcos Assunção - Vai ser nos dias 18 e 19 de dezembro. No primeiro dia eu e Marcelo Loureiro vamos fazer um show com convidados como Aurélio Miranda, Júlio Borba, Ivan Cruz e outros, começando às 20 horas no Aracy Balabanian. Mas pela manhã tem oficinas, como acontece em festivais em outros Estados do Brasil, oferecendo ao público conhecimento e ao mesmo tempo trazer esses músicos do Estado que estão fora do circuito. Essa é a primeira edição, um tanto na raça. De manhã, as oficinas são comigo e com o Romualdo, que é um saxofonista de Pernambuco. O projeto é voltado para a música instrumental brasileira. No segundo dia vamos lançar a Camerata Violeira e Roberto Correa, que é um dos violeiros mais renomados do Brasil, que já percorreu mais de 30 países e tem métodos importantíssimos na viola. Mesmo não tendo todo o cachê dele, ele baixou muito o custo pela ideologia do projeto, da difusão da boa música. Pela manhã ele ministra oficina no dia 19.

O Estado - Você foi a Espanha neste ano, não é? E para onde mais?

Marcos Assunção - Fui convidado para tocar na orquestra sinfônica em 2010, eles inseriram uma música minha no repertório e o Eduardo Martinelli me chamou para ir ao Chile tocar. Recentemente fui tocar em Madri e Barcelona (Espanha) no nono festival TenSamba, um festival anual que já recebeu os maiores nomes da música instrumental brasileira. Recebi um convite para tocar em outra cidade da Espanha após ter tocado no TenSamba, atingi meu objetivo, minha música marcou território, como se eu tivesse cumprido minha missão; vou tocar em um festival de jazz em comemoração do Dia Internacional do Jazz, que é 30 de abril.

SERVIÇO - Para se inscrever para as oficinas, o contato de Marcos é 8431-9943. A entrada para os shows do festival é um alimento não perecível destinado à ação social da IBF.